



Os desafios na formação de profissionais de saúde no Brasil

Lucas Alves de Oliveira Lima, Marina de Godoy Almeida, Haline Rachel Lino Gomes, Mariana Benevides Monteiro, Isabeli Cristiane Barbosa Sales, João Vitor Pereira Moura, Jaqueline Basso Stivanin, Salomão Leal Amava, Simone do Socorro Azevedo Lima, Marina de Godoy Almeida, João Luiz Quirino da Silva Filho, Bruna Jordana Picanço Pinheiro



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n5p05-15>

Artigo recebido em 21 de Março e publicado em 01 de Maio de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os principais desafios enfrentados na formação de profissionais de saúde no Brasil, considerando aspectos estruturais, curriculares, humanos e sociais envolvidos nesse processo. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa e prática, com a participação de 13 profissionais da área da saúde, incluindo docentes, gestores acadêmicos e preceptores. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, e a análise dos conteúdos seguiu os preceitos da análise de conteúdo. Os resultados revelaram uma série de dificuldades que impactam negativamente a qualidade da formação, como a precariedade da infraestrutura, a fragmentação dos currículos, a carência de formação pedagógica entre docentes, o distanciamento entre teoria e prática, e o adoecimento emocional dos estudantes. Também foram identificadas iniciativas positivas, como metodologias ativas e experiências de integração com o SUS, que demonstram possibilidades de transformação. Conclui-se que a formação em saúde no Brasil exige um esforço coletivo e contínuo para que se torne mais integrada, humanizada e voltada para a realidade do sistema público de saúde, promovendo a formação de profissionais críticos, éticos e comprometidos com o cuidado em sua dimensão mais ampla.

Palavras-chave: Desafios; Saúde; Profissionais; Formação.

Challenges in the training of health professionals in Brazil

ABSTRACT

This research aimed to analyze the main challenges faced in the training of health professionals in Brazil, considering structural, curricular, human and social aspects involved in this process. To this end, a qualitative and practical approach was adopted, with the participation of 13 health professionals, including professors, academic managers and preceptors. Data collection was carried out through semi-structured interviews, and the analysis of the contents followed the precepts of content analysis. The results revealed a series of difficulties that negatively impact the quality of training, such as precarious infrastructure, fragmented curricula, lack of pedagogical training among professors, the gap between theory and practice, and emotional illness among students. Positive initiatives were also identified, such as active methodologies and experiences of integration with the SUS, which demonstrate possibilities for transformation. It is concluded that health education in Brazil requires a collective and continuous effort to become more integrated, humanized and focused on the reality of the public health system, promoting the training of critical, ethical professionals committed to care in its broadest dimension.

Keywords: Challenges; Health; Professionals; Training.

Autor correspondente: Lucas Alves de Oliveira Lima - luksapp99@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A formação de profissionais de saúde no Brasil é um processo complexo, que envolve múltiplos fatores estruturais, pedagógicos, sociais e políticos. Em um país continental, marcado por desigualdades regionais e desafios históricos no acesso aos serviços de saúde, preparar profissionais capacitados, éticos e sensíveis às demandas da população torna-se uma tarefa de enorme responsabilidade. As transformações no cenário da saúde pública, especialmente com a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), exigem que a formação vá além da técnica, incorporando valores como a equidade, a integralidade e o cuidado centrado na pessoa (Ramos *et al.*, 2021).

A expansão do ensino superior nas últimas décadas, com o aumento do número de instituições e cursos na área da saúde, trouxe oportunidades, mas também novos dilemas. A descentralização do ensino, muitas vezes sem o devido planejamento e fiscalização, gerou disparidades na qualidade da formação. Cursos com infraestrutura precária, falta de docentes qualificados e ausência de práticas integradas ao sistema público de saúde contribuem para a fragilização do processo educativo. Além disso, a mercantilização do ensino, especialmente no setor privado, levanta preocupações quanto ao real compromisso com a formação humanizada e de excelência (Ribeiro, 2022).

Outro desafio importante está na integração entre ensino, serviço e comunidade. Embora políticas como o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) e o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) tenham buscado fortalecer essa articulação, ainda existem obstáculos na efetivação de parcerias entre universidades e redes de saúde. A vivência prática, essencial à formação, muitas vezes se dá de forma fragmentada ou desconectada das reais necessidades dos territórios onde os futuros profissionais atuarão (Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024).

A formação interprofissional também se impõe como uma demanda contemporânea. O trabalho em saúde exige equipes multiprofissionais capazes de atuar de forma colaborativa e complementar. No entanto, os currículos ainda tendem a ser organizados de maneira isolada por categorias profissionais, dificultando o diálogo e a

compreensão das funções e saberes dos demais membros da equipe. Essa limitação compromete a construção de práticas integrais e efetivas no cuidado à saúde. Além dos aspectos pedagógicos e institucionais, é fundamental considerar as condições subjetivas e emocionais dos estudantes de saúde (Silva, 2022).

A pressão por desempenho, a alta carga horária, o contato precoce com o sofrimento humano e, em muitos casos, a falta de suporte psicológico, contribuem para o adoecimento mental desses futuros profissionais. Problemas como ansiedade, depressão e síndrome de burnout têm se tornado cada vez mais frequentes nas universidades brasileiras, exigindo atenção e medidas de apoio permanentes (Lima; Domingues Junior; Gomes, 2023).

A formação em saúde também precisa ser constantemente revisitada à luz das novas tecnologias, dos avanços científicos e das mudanças no perfil epidemiológico da população brasileira. A emergência de doenças crônicas, o envelhecimento populacional, as pandemias e a própria digitalização dos serviços de saúde colocam desafios inéditos para a prática profissional. Nesse contexto, é essencial que os cursos formem indivíduos com pensamento crítico, capacidade de adaptação e compromisso social (Sousa, 2015).

Diante desse cenário multifacetado, a presente pesquisa teve como objetivo analisar os principais desafios enfrentados na formação de profissionais de saúde no Brasil, considerando tanto as questões estruturais e curriculares quanto os aspectos humanos, sociais e éticos envolvidos nesse processo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e prático, com o intuito de compreender, de forma aprofundada, os desafios enfrentados na formação de profissionais de saúde no Brasil. A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de captar percepções, experiências e significados atribuídos pelos próprios profissionais envolvidos no processo formativo.

A amostra foi composta por 13 profissionais atuantes na área da saúde, incluindo docentes, gestores acadêmicos e preceptores vinculados a instituições públicas e privadas de ensino superior, além de profissionais inseridos em serviços do Sistema

Único de Saúde (SUS). A seleção dos participantes se deu por meio da técnica de amostragem intencional, considerando a relevância de suas experiências no contexto educacional e assistencial.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas individualmente, de forma presencial e/ou virtual, conforme a disponibilidade dos participantes. As entrevistas foram gravadas, mediante consentimento livre e esclarecido, e posteriormente transcritas na íntegra para análise. Para a interpretação dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, permitindo a categorização dos principais temas emergentes relacionados aos desafios da formação em saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas evidenciou uma diversidade de percepções sobre os desafios enfrentados na formação de profissionais de saúde no Brasil. Os relatos apontam para um cenário de complexidade, atravessado por fatores estruturais, pedagógicos, emocionais e ético-sociais que afetam diretamente a qualidade da formação e o preparo dos futuros profissionais.

Um dos principais temas emergentes foi a precariedade da infraestrutura das instituições de ensino, especialmente em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos. Segundo os respondentes e02 e e09, a ausência de laboratórios adequados, bibliotecas atualizadas e campos de prática suficientes compromete a aprendizagem prática e o desenvolvimento de competências clínicas essenciais. Para e02, “há universidades em que o aluno só vê o paciente no estágio, e mesmo assim, de forma muito superficial”.

Outro aspecto amplamente citado foi a carência de docentes com formação pedagógica específica. Embora os professores tenham sólida formação técnica, muitos não estão preparados para lidar com metodologias de ensino inovadoras ou com a diversidade de perfis estudantis. A entrevistada e05 destacou que “o ensino ainda é muito centrado na exposição teórica. Falta incentivo para que o professor se reinvente, busque outras formas de ensinar”. A fragmentação curricular também foi alvo de críticas contundentes.

Diversos participantes relataram que os cursos ainda mantêm uma estrutura disciplinar rígida, que dificulta a integração entre conteúdos e a construção de uma visão ampliada sobre o cuidado em saúde. Para e11, “o estudante aprende anatomia em um semestre, depois fisiologia, depois clínica, mas não consegue conectar tudo isso com a realidade do SUS”. A articulação entre ensino, serviço e comunidade foi apontada como um desafio persistente.

Embora existam iniciativas importantes, como o PET-Saúde, a efetivação dessas propostas ainda encontra barreiras institucionais. Os participantes e01 e e08 mencionaram que muitas vezes a presença de alunos nos serviços de saúde é vista como um obstáculo ao trabalho das equipes, e não como uma oportunidade de troca. Segundo e08, “a integração é mais no papel do que na prática”. Outro ponto crítico está na sobrecarga dos estudantes. Muitos relataram que a alta carga horária, aliada à exigência por desempenho acadêmico e ao contato precoce com o sofrimento humano, tem gerado altos índices de ansiedade, depressão e burnout.

O entrevistado e07 relatou: “tive colegas que abandonaram o curso por não aguentarem a pressão. Falta apoio psicológico, falta acolhimento institucional”. A ausência de espaços de escuta e acolhimento para os estudantes também foi mencionada. Para e06, “há uma romantização da vocação na saúde, como se o sofrimento fizesse parte natural do processo. Isso só mascara o adoecimento mental de muitos alunos”. Além disso, a mercantilização do ensino superior foi amplamente criticada, especialmente por aqueles que atuam em instituições privadas. Segundo e03, “há cursos sendo abertos em cidades sem nenhuma estrutura hospitalar, só para captar matrículas. O aluno se forma, mas sai despreparado para atuar no SUS”.

O distanciamento entre teoria e prática foi outro ponto de tensão. Muitos participantes apontaram que os conteúdos ensinados em sala de aula nem sempre dialogam com os desafios reais enfrentados nos serviços de saúde. E10 destacou: “falamos muito de protocolos e técnicas, mas pouco de escuta, de vínculo, de cuidado humanizado. Isso deveria estar no centro da formação”. A necessidade de formação interprofissional apareceu com força nos discursos.

Os entrevistados enfatizaram a importância de preparar profissionais capazes de atuar em equipe, com compreensão dos papéis de cada categoria. Segundo e12, “ainda formamos profissionais para trabalhar sozinhos. E depois, quando chegam ao serviço,

não sabem lidar com o coletivo”. A resistência de algumas instituições à atualização curricular foi outro obstáculo citado. Vários entrevistados relataram que mudanças propostas nos projetos pedagógicos enfrentam resistência de setores mais conservadores da academia. E13 comentou: “há professores que estão há décadas na mesma cadeira, com as mesmas aulas. Falar em inovação parece uma afronta”.

A deficiência no uso de tecnologias educacionais também foi mencionada. Embora a pandemia tenha acelerado a digitalização, muitos cursos ainda enfrentam dificuldades com acesso à internet, plataformas virtuais e capacitação dos docentes para o uso de ferramentas digitais. E04 afirmou: “durante a pandemia, muitos professores simplesmente enviavam PDFs. Não houve mediação pedagógica real”.

Por outro lado, alguns participantes reconheceram avanços importantes em determinadas instituições, como a adoção de metodologias ativas de ensino. Segundo e01, “quando conseguimos implementar tutoria, rodas de conversa, estudo de caso, os alunos se envolvem mais e aprendem de forma mais significativa”. As experiências exitosas de integração com a rede SUS também foram valorizadas.

Os entrevistados relataram que, quando há parceria efetiva com os serviços, os estudantes vivenciam a realidade do território, aprendem com os profissionais e desenvolvem uma visão mais crítica e comprometida com o cuidado. Para e05, “o campo de prática precisa ser respeitado como espaço de ensino e não apenas como local de estágio”.

A influência das políticas públicas na formação também foi discutida. Muitos participantes reconheceram o impacto positivo de programas como o Mais Médicos e o Revalida na valorização da atenção primária e na exigência de padrões mínimos de formação. No entanto, também criticaram a descontinuidade dessas políticas. Segundo e09, “cada mudança de governo traz rupturas. Isso desorganiza as ações de formação e prejudica os estudantes”.

Os desafios éticos também emergiram com força. Em tempos de polarização e desinformação, muitos docentes relataram dificuldades em trabalhar temas como saúde coletiva, políticas públicas e equidade. E11 comentou: “há alunos que resistem a ouvir falar do SUS, acham que é coisa de ideologia. Isso mostra como precisamos fortalecer a educação em direitos humanos desde o início da graduação”.

O modelo biomédico ainda vigente foi identificado como um limitador da formação integral. Os entrevistados apontaram que, embora haja discursos sobre a importância do cuidado ampliado, na prática ainda se valoriza mais a técnica do que a escuta, mais a prescrição do que o acolhimento. Para e12, “é mais fácil ensinar uma técnica do que formar um profissional sensível, crítico, empático”.

A disparidade regional também foi destacada. Profissionais que atuam fora dos grandes centros relataram maiores dificuldades de acesso a capacitações, eventos científicos e oportunidades de atualização. E13 afirmou: “muitos dos nossos professores nunca participaram de um congresso, porque não têm apoio para isso. Como vão trazer inovações se estão isolados?”. A formação de preceptores e tutores foi apontada como uma necessidade urgente.

Os participantes destacaram que muitos profissionais que acompanham estudantes nos serviços não recebem formação específica para isso, o que compromete a qualidade do ensino em campo. E07 disse: “já vi preceptores tratando aluno como estagiário que só atrapalha. Falta preparação, falta reconhecimento também”.

Por fim, os relatos apontaram para a necessidade de uma formação mais humanizada, crítica e comprometida com a realidade brasileira. Os participantes destacaram que, apesar dos inúmeros desafios, é possível avançar com investimento, diálogo interinstitucional e valorização do papel do educador. Como resumiu e06: “formar para o cuidado é um ato político. Precisamos formar profissionais que entendam o Brasil e queiram cuidar dele com responsabilidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu identificar e analisar, sob uma perspectiva qualitativa e prática, os múltiplos desafios enfrentados na formação de profissionais de saúde no Brasil. A partir dos relatos dos 13 profissionais entrevistados, foi possível compreender que a formação em saúde encontra-se em constante tensão entre avanços normativos e estruturais, e entraves históricos e institucionais que ainda dificultam a consolidação de um modelo formativo integral, ético e sensível às necessidades da população brasileira.

Os resultados evidenciam que a precariedade da infraestrutura, a fragmentação curricular, a escassa formação pedagógica dos docentes, a ausência de políticas permanentes de integração ensino-serviço e o distanciamento entre teoria e prática continuam sendo obstáculos significativos. Além disso, o adoecimento emocional dos estudantes, a falta de suporte institucional e a manutenção de práticas baseadas em modelos biomédicos e individualistas comprometem a construção de profissionais com perfil crítico, colaborativo e comprometido socialmente.

Apesar das dificuldades, também emergiram iniciativas transformadoras, como a adoção de metodologias ativas, experiências de integração com o SUS e propostas interprofissionais que apontam caminhos possíveis para a reconfiguração do ensino em saúde. Os depoimentos revelam que onde há diálogo, apoio institucional e abertura à inovação, há também maior engajamento dos estudantes e melhoria na qualidade formativa.

Conclui-se, portanto, que a superação dos desafios identificados exige ações articuladas entre gestores, docentes, preceptores, estudantes e formuladores de políticas públicas. Investir na valorização da docência, na formação continuada, na ampliação dos espaços de escuta e no fortalecimento das políticas educacionais é fundamental para consolidar um modelo de formação que responda às demandas do SUS e contribua para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e saudável. A formação de profissionais de saúde não pode se restringir à técnica ou ao mercado; ela deve ser um processo ético, político e humanizador, voltado para o cuidado com o outro e com o coletivo. Nesse sentido, reforça-se a importância de uma educação que forme não apenas trabalhadores da saúde, mas sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a transformação da realidade social.

REFERÊNCIAS

LIMA, L. A. O.; DOMINGUES JUNIOR, GOMES, O. V. O. Saúde mental e esgotamento profissional: um estudo qualitativo sobre os fatores associados à síndrome de burnout



entre profissionais da saúde. **Boletim de Conjuntura Boca**, 2023.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10198981>

Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse ocupacional em período pandêmico e as relações existentes com os acidentes laborais: estudo de caso em uma indústria alimentícia. *RGO - Revista Gestão Organizacional*, 17(1), 34-47.

<http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v17i1.7484>.

LIMA, L. A. O.; SILVA, L. L.; DOMINGUES JÚNIOR, P. L. Qualidade de Vida no Trabalho segundo as percepções dos funcionários públicos de uma Unidade Básica de Saúde (UBS). **REVISTA DE CARREIRAS E PESSOAS**, v. 14, p. 346-359, 2024.

<https://doi.org/10.23925/recape.v14i2.60020>

RAMOS, C. S. et al. Estresse ocupacional presente nas atividades da equipe de enfermagem em centro cirúrgico: Revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, 2021

RIBEIRO, I. A. P. Estresse ocupacional e saúde mental de trabalhadores da saúde no cenário da COVID-19: revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 24, 2022.

SOUSA, V. F. S.; ARAUJO, T. C. C. F. Estresse ocupacional e resiliência entre profissionais de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 3, p. 900-915, 2015.